

Dario Augusto Ferreira da Silva

Dario Augusto Ferreira da Silva nasceu em 3 de outubro de 1859 na cidade de Serro. Foi escritor, pesquisador, advogado e Juiz de Direito.

Devem-se a Dario Augusto Ferreira da Silva, sob o pseudônimo Serrano Prístino, notas sobre o periódico Liberal do Serro, impresso e lançado no Arraial do Itambé do Serro. Com isso, o antigo distrito serrano do Itambé tornou-se a quarta localidade mineira a ter imprensa, servindo-se da arte da tipografia montada rudimentarmente por Geraldo Pacheco de Melo. Fundindo tipos e montando com seus conhecimentos de mecânica e ourivesaria um prelo rudimentar, pode pensar um novo periódico em Minas Gerais. O periódico tinha como missão “ajudar o Serro” e como redator o Vigário Narciso Tinoco. O Jornal, segundo Dr. Dario, teria sido publicado “nos fins de 1828”, no que há acordo com outro historiador serrano, Nelson de Senna, que cita a mesma data de publicação. Referindo-se ao feito de Geraldo Pacheco de Melo, que possibilitou a confecção do jorna, anotou Dr. Dario Silva: “um ourives daqui pobre, modesto, inteligentíssimo, fundiu tipos, fez uma prensa com suas mãos, com seus recursos, com materiais serranos”.¹

Era um dos grandes historiadores serranos, conhecido pelo hábito de colecionar objetos antigos como, por exemplo, moedas do século XVIII.

Como magistrado, atuou na Comarca de Ferros e, em 1º de maio de 1892, instalou a Comarca de Bocaíuva, figurando como o 1º Juiz de Direito na história dessa Comarca.

Como escritor, deixou significativa colaboração literária em avulsos, dramas, comédias e, sobretudo, com na obra “Memórias Sobre o Serro Antigo”, publicada em 1928, a mais importante pesquisa sobre a chegada dos bandeirantes e sobre os primeiros anos da Vila do Príncipe.

Em faleceu em 16 de maio de 1927.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dario_Augusto_Ferreira_da_Silva e <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/3949866.pdf>

¹ SERRANO PRÍSTINO. Anno Vencido. In: “O Ibiti-Rui” (01/08/1918), p.4. Este é o pseudônimo o historiador Dario Augusto Ferreira da Silva

DR. DARIO A. F. DA SILVA

MEMÓRIA SOBRE O SERRO ANTIGO



Redação, pesquisa e ensaio crítico:
Danilo Arnaldo Briskievicz

Serro – Minas Gerais – Brasil
1928 / 2008

Ensaio crítico
Dr. Dario: historiador do poder
Danilo Arnaldo Briskievicz¹

A vida do serrano Dario Augusto Ferreira da Silva (1859-1927) foi devotada às leis. Foi estudante no Seminário dos Padres Lazaristas, no Caraça. O Caraça foi o destino da maioria dos meninos serranos entre 9 e 11 anos na segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Era uma oportunidade de formação humano-cristã que as famílias não desperdiçavam. As famílias consideravam um investimento interessante: estudo de qualidade não havia no Serro desse período. No Caraça o menino Dario, longe da família, aprendeu a lei da sobrevivência: disciplina rigorosa, horários inflexíveis, estudos exigentes de latim, português, música, matemática, história e geografia. O cumprimento da lei era uma alternativa para a permanência num dos maiores centros de estudos do Brasil. Era uma regra geral: se não saísse padre, seria um grande homem, letrado, preparado para a vida.

E a profecia se cumpriu. O menino Dario apegou às letras e depois de passar pela antiga capital mineira - Ouro Preto cursou Direito em São Paulo. Seus contemporâneos na faculdade de Direito foram “Pinheiro Machado, Júlio de Castilho, Assis Brasil, o senador Bueno de Paiva e outros vultos de destaques no País²”. Cumprir a lei no Caraça e fazer cumprir as leis como advogado foi a sua grande busca interior durante toda a vida: nos seus últimos momentos ainda proferia palavras de respeito à lei: ‘Não posso atender, está findo o prazo determinado pela Lei’³.

O advogado Dr. Dario tornou-se juiz de Direito. Agora não mais defendia ou acusava, sentenciava, fazendo-se *la bouche de la loi*, aplicando a lei, confiando nela, e apenas nela, a reta decisão, baseado no princípio da isenção total do juiz. O juiz estava isento de participação no processo porque a lei nunca erraria. Aplicando-se ao ofício de Juiz de Direito da Comarca de Ferros, “sempre foi cultor das leis, como Juiz nunca viu uma de suas sentenças revogadas pelo Tribunal Superior⁴”.

Homem das letras, apaixonado pela *boa* leitura e *boa* escrita desde muito cedo, aplicou-se no seu dia-a-dia à poesia, não tendo publicado seu inédito livro *Sentença* em vida. Escreveu “diversos escritos avulsos, dramas e comédias - gênero que muito apreciava⁵”.

Afeito à história do Serro investiu no jornalismo. A convite do tipógrafo Antônio Lima - *Nhô Costa* tornou-se o primeiro historiador preocupado com os enganos históricos sobre o Serro antigo. Seus artigos publicados em *A Voz do Serro* sob o pseudônimo *Serrano Prístino* demonstram um pesquisador das coisas do passado, um interlocutor entre o Serro dos seus avós e o Serro decadente da primeira metade do século XX⁶.

Na Tipografia Serrana, de Nhô Costa - o maior tipógrafo serrano de todos os tempos-, Dr. Dario editou seu único livro de história serrana. Aliás, diga-se de passagem, é um gesto recorrente na história do Serro: os historiadores quando

¹ Mestrando em Filosofia pela UFMG.

² Textos de Maria Eremita de Souza, da antiga Casa de Cultura do Serro, sem data, s.n.t.

³ Loc. Cit.

⁴ Loc. Cit.

⁵ Loc. Cit.

⁶ Ver BRISKEVICZ, Danilo A. *A arte da tipografia e seus periódicos. História da imprensa serrana das Minas do Serro do Frio à cidade do Serro. 1702-2000*. Serro, Tipografia Serrana, 2002.

publicam, o fazem ao final da vida, em edição única. Como afirma o próprio Dario sobre sua *Memória* – “estes casos foram narrados pelo já finado nonagenário Coronel José de Ávila Cabral ao octogenário e mestre Alferes Luiz Pinto, que bondosamente os passou, esses e outras coisas mais, ao sexagenário rabiscador destas enfadonhas linhas. É, pois, tradição segura.”

Tradição oral e não escrita. O Coronel José de Ávila Cabral nada deixou de impresso. O Alferes Luiz Pinto contribuiu com a Revista do Arquivo Público Mineiro – chamada Revista do APM durante várias edições, mas nunca publicou um livro seu sobre a história serrana.

Os que nada deixaram em livros, apenas o fizeram em edição única. Joaquim de Salles publicou *Se não me falha a memória* em colunas de jornal e depois, em ótima reunião desses escritos, pudemos ter acesso às suas lembranças. Aluizio Ribeiro de Miranda, em única edição, publicou *Serro: três séculos de história*. E, por fim, Geraldo Freire, postumamente, teve seus *Caminhos da memória* repisados. Maria Eremita de Sousa, apesar de ser a guardiã da *tradição histórica serrana* publicou único livro já no final da sua vida, deixando-nos perplexos quanto ao destino de seus famosos arquivos, quase secretos. *Aconteceu no Serro* levou quase oitenta anos para ser publicado.

Edições únicas com uma palavra romântica – memória. Devemos chamar esses autores de memorialistas ou historiadores? Dr. Dario fez história ou fez memória?

Memória sobre o Serro antigo tem o objetivo de narrar, romanticamente, as opiniões de Dr. Dario sobre o Serro do descobrimento pelos bandeirantes até a Independência do Brasil, em 1822. Baseado numa experiência familiar, faz uma apologia do Senado da Câmara: “Por quase *século e meio* muitas gerações aí conheceram o Governo Municipal. Aí, como milhares de outros, eu fui vereador; aí foi vereador meu pai – Dario Clementino Silva; aí foi vereador meu avô – Firmino Clementino da Silva; aí foi vereador meu bisavô – Domingos Pereira Guimarães; aí foi vereador meu tataravô Antônio Pereira Guedes...; ai quantos outros serranos estão vivos e podem como eu lembrar seus avós que serviram nesse tempo!!!.” Por uma motivação subjetiva, familiar, de sangue, dá o título. O uso da palavra memória aqui é apenas um disfarce. Dr. Dario é um grande historiador disfarçado de memorialista. A história serrana que emerge de sua *Memória sobre o Serro antigo* é uma contradição em termos, apenas.

Aparentemente pretendendo escrever uma memória, ou seja, um relato sobre as experiências de sua vida e de seus antepassados, em especial na vida política do Serro, permite-se um olhar muito particular sobre o passado. Esse olhar é um olhar melancólico sobre o funcionamento do Senado da Câmara.

Dr. Dario acabou por trabalhar com textos raros, retirados do Arquivo de Câmara, arquivo esse, na época de sua pesquisa, praticamente intacto. Tive oportunidade de, ao pesquisar alguns livros desse Arquivo de Câmara em poder do IPHAN, reencontrar anotações a lápis feitas por ele: “já anotado”, “lido por mim” são expressões que ele usava para não se perder na pesquisa.

A história do Serro proposta por Dr. Dario aponta um método de pesquisa: ele investigou os documentos do Senado da Câmara, os mais importantes – e talvez únicos - registros da história *nesse contexto*.

A história do Serro do Dr. Dario possui uma linha do tempo definida, um marco temporal que abrange os primeiros anos das Minas do Serro do Frio, passando por sua elevação à categoria de Vila do Príncipe com um enfoque especial sobre a instituição *Senado da Câmara*, cujo funcionamento tirânico se deu de 1714 até

1822: “o Senado da Câmara! O governo popular de nossos pais!” E, em outro trecho, afirma que “aí tem o leitor quanto consegui colher a respeito do Serro antigo, a Vila do Príncipe. Do moderno, após a *Independência*, outros dirão”.

O romântico Dr. Dario, logo o *pseudo*-memorialista, emerge do saudosismo de um tempo que não volta mais. O tempo em que o Senado da Câmara era a lei e a ordem. O Senado da Câmara era o centro absoluto do poder. A decadência desse poder é o fio memorial da sua obra e que predomina no título.

Mas um verdadeiro historiador nasce do perfeito entrelace entre fatos e documentos, entre o que ouviu dizer e o que se comprova nos registros. A preocupação em demonstrar que seus argumentos são fortes, a obstinação por convencer o leitor de suas opiniões, faz de Dr. Dario um obstinado pelos registros do passado serrano escritos pelos escrivães do antigo Senado. A apologia do Senado da Câmara é um norte. O interesse é demonstrar em documentos os fatos.

Nesse sentido, afirmamos que Dr. Dario é um historiador apaixonado por seu tema. Ele pretende entender a trajetória do povo serrano pelo viés do poder tirânico do Senado da Câmara. A história do Serro é anotada através da pesquisa à história política. O Senado da Câmara com seu funcionamento, com suas leis, com seus conflitos internos e externos, com suas obras públicas, com suas arrematações, com seus editais, com suas posturas. O Senado da Câmara que urbanizou o Serro, que o faz ser o que era *antigamente*:

na sessão de 24 de setembro de 1828, mandou a Câmara Municipal colocar outro chafariz o qual devia ser “uma coluna organizada de três peças vindas do pedestal; no meio quatro carrancas vomitando água por quatro canos, e sobre tudo isto uma pirâmide, tudo de pedra, tendo em baixo um tanque oitavado com quatro assentos para descanso dos recipientes chapeados com gatos de ferro ligados com chumbo, forrado o centro com pedras lavradas, de modo a não minar a água.” Houve proposta aceita, conformando-se, do mestre José Caetano, por 77\$860 réis... ai! Era o chafariz da minha infância, aquele que tantos anos assistiu os meus folguedos e que cavou tantas saudades! Foi substituído há pouco por coisa muito pior e sem novidade alguma.

O saudosismo do Dr. Dario aparece explicitamente em algumas passagens. Um confronto subjetivo entre o passado e o presente, entre o esplendor do ontem e a decadência do Serro na década de 1920. O Serro já não era o mesmo, nem poderia.

O testemunho sobre o passado nesta história do Serro antigo do Dr. Dario é uma indagação sobre a cidade que restou para os vivos. E já no fim da sua vida, Dr. Dario se permite deixar seu único volume de história serrana impresso como registro contundente de uma história fascinante.

Ao falecer em 16 de maio de 1927, o seu livro ainda não havia saído. A data final da redação é 24 de maio de 1924, já no final de sua vida. A obra veio a lume após seu falecimento. É uma edição póstuma. Uma celebração de uma vida dedicada ao estudo das leis. Leis de sobrevivência no Caraça, aplicação das leis em sentenças, pesquisa das leis do Senado da Câmara do Serro. E um desejo na última linha de seu livro expressa bem o sentimento desse historiador serrano afeito às regras, afeito ao funcionamento rigoroso e sistemático das instituições.

É o desejo de ser reconhecido como um tijolo na construção da história serrana. Mas também um desejo de que o Serro se reconheça como um importante centro de brasilidade: “concluamos pos este humilde trabalho conclamando: viva a Pátria Brasileira!”